



151 - ONG Verdejar: agroecologia e preservação ambiental no subúrbio de uma metrópole

GUIA, Eric Vidal Ferreira da. UFRJ, voitakus@hotmail.com.

Resumo

O trabalho da ONG verdejar surgiu em 1997 por iniciativas de moradores suburbanos que frequentavam a área verde e se mostravam preocupados com o seu estado de abandono e começaram a plantar árvores na comunidade Sérgio Silva, uma favela no subúrbio do Rio de Janeiro. A partir daí se desencadearia toda uma articulação para que o poder público olhasse com mais atenção para a área, sendo uma militância que utiliza a agroecologia como ferramenta de inclusão das populações favelizadas no processo de recuperação ambiental, oferecendo-lhes opção de geração de renda. Esta atuação existe há 12 anos e mostra que é possível manter uma área verde numa região carente apesar de todas as formas de pressão antrópica enfrentadas.

Palavras-chave: agricultura urbana, recuperação ambiental, populações favelizadas, gestão ambiental participativa.

Contexto

O trabalho da ONG verdejar ganhou destaque no ano 2000, quando após seus membros terem feito uma série de denúncias junto ao ministério público e à imprensa, o então prefeito Luiz Paulo Conde decretou a Área de Proteção Ambiental e Recuperação Urbana (APARU) da Serra da Misericórdia (Decreto Municipal N° 19.144, de 14 de novembro de 2000), subúrbio do Rio de Janeiro, numa região considerada das mais violentas e degradadas da cidade, onde são localizadas centenas de favelas, entre elas as do complexo do alemão e da penha. Nela, o grupo se articulou para conter o crescimento desordenado sobre a área verde, enfrentando, por meio da ação direta e de denúncias, grupos de grileiros, traficantes, entre outros (SIMAS, 2007).

A única intervenção por parte do poder público foi a instalação dos ecolimites, que são estruturas de ferro após os quais não se pode mais construir casas. Antes da demarcação dos *ecolimites*, o que cumpria o papel sócio-ambiental era a horta comunitária, criada ainda nos anos 90 para ser uma barreira física à expansão da comunidade Sérgio Silva. Se não fossem os esforços das ONGs e movimentos sociais, teria sido criado um conjunto de favelas de dimensões maiores do que às da rocinha, pela união dos complexos do Alemão e do Juramento. Essa contenção do crescimento desordenado sobre a área verde é considerada pelo grupo a sua maior conquista.

Atualmente o Verdejar trabalha em quatro eixos de atuação:

Educação Ambiental: desenvolvendo atividades de cunho ecopedagógico trabalhando com a construção compartilhada de conhecimentos a partir da realidade dos alunos, buscando valorizar todos os saberes envolvidos no processo dentro de uma visão freiriana. Hoje



temos o projeto **ECOESCOLA** aprovado na Secretaria Estadual de Cultura - RJ. Este projeto busca utilizar a educação ambiental como ferramenta para desencadear um processo de gestão ambiental participativa dentro do espaço escolar, incentivando esta prática para além dos muros da escola.

Agroecologia Urbana: está sendo implantado um sistema agroflorestal como experiência para trabalhar a recuperação ambiental de áreas degradadas por queimadas na serra, além de recuperar o solo e restabelecer o ecossistema local, esta metodologia nos dá ainda a possibilidade de produzir alimentos. Junto à agrofloresta também temos o **Horto Florestal Chico Mendes**, onde são produzidas mudas nativas da Mata Atlântica para o SAF e uma **Horta Comunitária**, voltada para a produção de alimentos para os moradores e participantes das atividades, e também para atividades de Educação Ambiental. O manejo destes dois últimos se dá principalmente por **mutirões agroecológicos**, mensais e em finais de semana, quando se tem maior disponibilidade de mão de obra.

Estes projetos têm o apoio da ONG AS-PTA (Agricultura Familiar e Agroecologia) e já obtiveram recursos do fundo SAAP administrado pela ONG FASE.

Cultura e Meio Ambiente: neste eixo de atuação temos o projeto **Semeando** que é um evento ecocultural realizado sempre na Semana Mundial do Meio Ambiente e no Dia Mundial da Árvore. Neste projeto são realizadas caminhadas ecológicas, oficinas, apresentações musicais, teatro e poesia, abertos ao público.

Justiça Ambiental: nesta frente de trabalho concentramos os esforços políticos de mobilização da sociedade civil nas diversas esferas (local, regional, nacional e planetária) e de diálogo com o poder público em defesa da Serra da Misericórdia.

Os coordenadores deste eixo são secretários executivos do Comitê de Desenvolvimento Local da Serra da Misericórdia que aglutina instituições e moradores locais em prol da melhoria das condições de vida nesta região, principalmente no que concerne questões de saneamento ambiental das comunidades do entorno do maciço e impactos ambientais causado por indústrias que atuam na região.

Descrição da experiência

A ONG Verdejar foi criada em 1997 por moradores do Engenho da Rainha e complexo do alemão que utilizavam a área verde para o lazer e estavam preocupados com a situação de abandono em que esta se encontrava, tanto do ponto de vista ambiental, com um estado de degradação quase irreversível, com queimadas recorrentes; quanto do ponto de vista social, já que a área verde era pouco valorizada pelos moradores do seu entorno.

Do ato da sua fundação, a ONG Verdejar teve por objetivo inicial alertar para a importância da revitalização da última área verde da Zona da Leopoldina, no subúrbio do município do Rio de Janeiro. A experiência trata-se de um ativismo socioambiental que utiliza a agroecologia como ferramenta de recuperação ambiental e inclusão social, atuando numa



área verde de uma grande metrópole, mais precisamente na comunidade Sérgio Silva (favela), no município do Rio de Janeiro, inserido no bioma mata atlântica.

As ações da ONG começaram em 1997 e até hoje não cessaram e são conduzidas por moradores locais voluntários sem formação acadêmica, com alguns deles sendo estudantes universitários.

Um dos pontos fortes é a articulação com outros grupos, como: Instituto Raízes em movimento, ONG ASPTA, articulações (nacional, estadual e metropolitana) de agroecologia, rede SESC, prefeitura da UFRJ, FioCruz, entre outras.

Atualmente o grupo conta com um sistema agroflorestral, um viveiro de mudas, a referida horta comunitária e uma sede em construção. O principal objetivo é mobilizar os moradores locais a preservarem a área, lhes oferecendo uma opção extra para a geração de renda, seja a partir de financiamentos pela prestação de serviços ambientais (via projetos de sequestro de carbono e medidas compensatórias), seja pelo beneficiamento e comercialização de produtos oriundos das unidades produtivas supracitadas.

Quanto ao manejo florestal, foram recuperadas pelo menos três nascentes, uma delas num fragmento reflorestado de cerca de **20.000 m²**, onde é possível sentir uma diferença no microclima e no solo (que fica encharcado o ano todo, evidenciando a nascente) ao se adentrar. Neste mesmo local de mata recuperada ainda é possível ver resquícios de concreto da época em que a área era cobiçada por grileiros.

Tais atividades realizadas pela Verdejar se mantêm com escassos recursos, não havendo nenhum funcionário remunerado, o que reduz a eficácia dos trabalhos. A principal fonte provém de doações de comerciantes vizinhos e alguns associados, geralmente amigos dos membros, que reconhecem a importância do trabalho desenvolvido.

Atualmente, a ONG é composta por oito voluntários fixos, que coordenam as atividades, além de um público ocasional que participa das atividades, em sua maioria estudantes e interessados por meio ambiente em geral. Como os participantes não têm acesso a um serviço específico de assessoria, a capacitação depende de muitas observações e práticas empíricas, além de leituras e trocas de experiências com outros grupos.

O manejo agroflorestral foi adotado pelo grupo partir de 2007, após ocorrer um incêndio na encosta onde eram plantadas árvores frutíferas. Nesta mesma área, a prefeitura também já havia plantado árvores nativas de rápido crescimento. Após o desastre, o grupo começou a introduzir espécies leguminosas para a adubação verde, como a leucena e o feijão-guandu e algumas culturas anuais e frutíferas, como mandioca, amora e bananas, e a procurar manter o solo sempre coberto, no caso com a palha do sempre abundante capim-colonião. A maior dificuldade no manejo tem sido promover a sucessão após a poda dos guandos, pois há o receio de que com a saída destes do sistema, e a não conseqüente ocupação de seu estrato pelas frutíferas (que deveriam estar plantadas em maior quantidade), volte a infestar o capim colonião, já que a insolação estará mais forte novamente.



Resultados

Os principais resultados obtidos pelo trabalho da ONG foram a criação da unidade de conservação e a contenção do crescimento desordenado, mantendo uma área verde numa das regiões mais degradadas e violentas da cidade. Atualmente, vários moradores reconhecem o trabalho voluntário realizado e já têm uma relação mais harmônica com a área.

Por outro lado, as maiores dificuldades de recuperação da Serra da Misericórdia residem no fato de ser ela uma área verde urbana, portanto, sujeita às diversas pressões antrópicas. Todo ano, principalmente durante o inverno (estação seca), os voluntários combatem focos de incêndio na região, considerados o principal fator inibidor da regeneração natural não só na serra, mas de toda mata atlântica. E suas causas também são as mais diversas, mas infelizmente a maioria intencional, provocados por moradores vizinhos à área verde, com os objetivos de renovar pasto para animais e abrir caminho para o traslado pelas trilhas. Tal problema mostra a urgente necessidade de se conscientizar a população local, através de programas de educação ambiental e da inclusão no processo de recuperação ambiental.

Além disso, o abandono da área pelo poder público, a ocupação desordenada e a ação de mineradoras contribuem para agravar o chamado *racismo ambiental* da região, que possui a sub-bacia aérea mais poluída da cidade. O bairro Engenho da Rainha, onde atua a ONG Verdejar, é classificado pelo IPP como tendo quase 50% (99,48 ha) de sua área total como degradada, entre campos antrópicos, solo exposto e área de mineração. Já a Serra da Misericórdia como um todo, segundo este mesmo órgão, possui apenas 1,75% de sua área total classificada como natural (no caso, floresta alterada). Esses dados refletem um pouco da má qualidade de vida e da falta de opção de lazer em contato com a natureza.



Figura 1. Imagem da Serra da Misericórdia no Rio de Janeiro.
Fonte: Google earth.



Figura 2. Sistema agroflorestal manejado pela ONG verdejar, em conjunto com a comunidade.



Figura 3. Jovens durante uma caminhada ecológica promovida pela verdejar.